
DESIGUALDADES E DIFERENÇAS: O SOCIAL E O INDIVIDUAL NO QUE-FAZER DA EDUCAÇÃO*

Juracy C. Marques**

Em primeiro lugar, boas vindas aos novos alunos: que vocês sintam-se aqui como em sua própria casa; que aqui encontrem os estímulos que buscam para o seu desenvolvimento e seu aprimoramento, para a sua realização humana e profissional.

Lendo, hoje, a revista *Veja* desta semana, tive uma agradável surpresa. É que há um nota pequena, sobre Educação, que diz o seguinte: “dos 7 novos cursos avaliados, três — Educação Física, Farmácia e Matemática — são melhores na USP. O 1º lugar em Metalúrgica ficou com a UFRJ, que abocanhou a liderança também no curso de Letras. *A UFRGS ganhou a ponta em Pedagogia*, enquanto a Federal de Minas foi escolhida a melhor escola de Veterinária. O aumento da lista de cursos avaliados foi uma imposição dos leitores, explica Costa, pois a cada ano o “ranking” serve como um eficiente manual de orientação para o vestibulando”(1). Significa que se vocês fossem escolher um curso de Pedagogia no País, provavelmente escolheriam este em que vocês estão.

Esse é um dado importante, porque a área de Educação costuma ser uma área desvalorizada, no contexto dos cursos. Há uma tendência histórica, entre os trabalhadores da educação, a incorporar esta desvalorização, se sentindo até culpados por isto. Acontece que as percepções estão mudando, e a área da educação já não é mais uma área desprivilegiada, contestada, pobre ou fraca. Os indicadores de fortaleza das áreas são dados por uma série de fatores, em relação aos quais nossa posição passou a ser de destaque, pelos progressos que se verificaram nos últimos anos.

Um dos indicadores é o número de professores titulados, número de professores doutores, professores com mestrado, professores com curso de

* Palestra proferida por ocasião do “Acolhimento aos Calouros”, na Faculdade de Educação da UFRGS, em 20 de março de 1984.

** Diretora da Faculdade de Educação da UFRGS. Doutora em Psicologia. Especialista em Educação.

(1) VEJA. São Paulo, nº 811, 21 mar. 1984, p. 72.

especialização, quer dizer, a titulação docente dos professores — e aí estamos bastante bem(2). O segundo é a biblioteca. A nossa biblioteca é considerada uma das melhores do país, principalmente em serviços. Em acervo ainda deixa a desejar do ponto de vista do número de títulos que se oferecem à consulta(3).

É preciso ter consciência dos fatores positivos e valiosos, para que, ao se identificar com a Instituição, as pessoas se sintam também valiosas, com “status” aquinhoadas pela vida, pelo mundo, pela sociedade.

Minha fala, hoje, trata de alguns tópicos que me parecem importantes no contexto da educação brasileira atual. Há um primeiro tópico que é desigualdades sociais; um segundo que trata das diferenças individuais; o terceiro que se refere ao estudante de educação e seu papel social; e o quarto é sobre a Faculdade, seus propósitos, metas e linhas de ação e um último tópico sobre Administração Solidária.

Quanto às desigualdades sociais, selecionei uma crônica de Fernando Sabino. O título é “Piscina”.

“Era uma esplêndida residência, na Lagoa Rodrigo de Freitas, cercada de jardins e tendo ao lado uma bela piscina. (Vocês sabem que piscina é sinônimo de luxo, pois não?) Pena que a favela, com seus barracos grotescos se alastrando pela encosta do morro, comprometesse tanto a paisagem.

Diariamente desfilavam diante do portão aquelas mulheres silenciosas e magras, lata d’água na cabeça. De vez em quando surgia a carinha de umas crianças, olhos grandes e atentos, espiando o jardim. Outras vezes eram as próprias mulheres que se detinham e ficavam olhando.

Naquela manhã de sábado, ele tomava seu gim-tônico no terraço, e a mulher um banho de sol, estirada de maiô à beira da piscina, quando perceberam que alguém os observava pelo portão entreaberto.

Era um ser encardido, cujos molambos em forma de saia não bastavam para defini-la como mulher. Segurava a lata na mão e estava parada, à espreita, silenciosa como um bicho. Por um instante, as duas mulheres se olharam separadas pela piscina.

De súbito pareceu à dona de casa que a estranha criatura se esgueirava, portão a dentro, sem tirar os olhos dela. Ergueu-se um pouco, apoiando-se no cotovelo, e viu com temor que ela se aproximava lentamente: já transpusera o gramado, atingia a piscina, agachava-se junto à borda de azulejos, sempre a olhá-la, em desafio, e agora colhia água com a lata.

(2) Relatório da FACED, dados de Dez. de 83, relativos à titulação do corpo docente: doutores: 28; em curso de doutorado: 17; mestres: 35; em curso de mestrado: 8; Especialistas: 13; Total: 101 professores.

(3) Biblioteca Setorial de Educação (UFRGS) *Acervo*: Livros: 7.423 títulos em 19.034 volumes; Periódicos: 500 títulos, sendo 243 correntes; Teses: 1.284; “Papers” da coleção ERIC — 148.884 microfichas; Folhetos: 826. *Publicações*: 1) Boletim Bibliográfico, trimestral, desde 1976; 2) Sumários correntes em Educação, trimestral, desde 1981. A Biblioteca é Unidade de Apoio Regional (UNIAR) do Sistema de Informações Bibliográficas em Educação, Cultura e Desportos (SIBE) do INEP, desde agosto de 1983, responsabilizando-se pela coleta, armazenamento e catalogação do material produzido no RS sobre Educação.

Depois, sem uma palavra, iniciou uma cautelosa retirada, meio de lado, equilibrando a lata na cabeça e em pouco sumiu-se pelo portão.

Lá no terraço o marido, fascinado, assistia a toda a cena. Não durou mais de um ou dois minutos, mas lhe pareceu sinistra como os instantes tensos de silêncio e paz que antecedem um combate.

Não teve dúvida: na semana seguinte vendeu a casa”(4).

É uma crônica bem feita, de escritor consagrado que todos conhecem, principalmente vocês que passaram agora no vestibular, onde a parte de literatura é bem exigente.

Salienta de modo admirável um dos ingredientes fortes da educação hoje no Brasil, que é a variável desigualdade social.

As desigualdades sociais, possivelmente são responsáveis por nossos problemas políticos, econômicos, sociais e mormente, o que mais nos interessa, por nossos problemas educacionais. Inclina-mos a pensar em um sujeito da educação abstrato que vamos educar, seja criança, ou adolescente, conforme a área da educação que nos endereçamos. É algo idealizado, quer dizer, algum ser mais ou menos perfeito que chega às nossas escolas para ser lapidado, aperfeiçoado, mas em si, idealisticamente, com plenas condições para aprender e se desenvolver.

Aquelas poucas crianças privilegiadas, que em termos de população se apresentam com percentagens minimíssimas, ou têm uma educação que independe da escola, ou vão além a despeito da escola; essas não precisam dos educadores. A rigor, elas já tiveram os benefícios da educação, na origem, no berço. As que precisam dos educadores, dos trabalhadores da área da educação, que representam a enorme maioria do povo brasileiro, encontram-se em situações de vida, de realização humana, que não lhes são favoráveis. A educação deve ajudá-las a encontrar um caminho para a sua realização humana e social.

Desigualdades sociais, como teoria ou conceito, apontam para os problemas da pobreza; quando tratamos a variável desigualdades sociais, entretanto, não estamos preocupados com esta família da casa da Lagoa Rodrigues de Freitas, que vendeu a casa na outra semana. E sim com aquela mulher que foi buscar água na piscina com a lata na cabeça, vestindo molambos.

Portanto, nossa preocupação fundamental, em educação no Brasil, diz respeito à pobreza e suas conseqüências. Mas não é de hoje esta preocupação: os oprimidos e desprivilegiados sempre despertaram o interesse dos educadores. No primeiro livro que publiquei — “Ensinar não é transmitir”(5) — destacava como epígrafe, citando C.A.Sherman: “Qualquer um pode ensinar o bom estudante. Um professor genuíno, dedicado aos ideais de sua profissão, torna-se, entretanto,

(4) SABINO, Fernando. *Lugares comuns*. Rio de Janeiro, MEC, Serviço de Documentação, Departamento de Imprensa Nacional, 1952. p. 97. (Os Cadernos de Cultura).

(5) MARQUES, Juracy C. *Ensinar não é transmitir*. Porto Alegre, Globo, 1969. (páginas iniciais).

necessário para ensinar o jovem que não contou com as situações de vida que você e eu provavelmente tivemos”.

A consciência das desigualdades sociais que surge nas décadas de 60 a 70, torna-se mais aguda na de 80. Isso se deve não tanto ao processo da educação, mas ao desenvolvimento das ciências sociais que lhe servem de base, principalmente da sociologia, da economia e da política. A ciência política era pouco desenvolvida. Tradicionalmente seu estudo se fazia nas Faculdades de Direito. Daí porque as antigas faculdades de direito denominavam-se Faculdade de Ciências Jurídicas, Políticas e Sociais. A área de Ciências Sociais é de desenvolvimento recente, em termos de pesquisa, e particularmente de pesquisas aplicadas à educação. Surge, então, a consciência dos determinantes da educação, das variáveis que não temos forças para alterar: a organização social, o contexto político, o modelo econômico. Estas variáveis, porém, determinam comportamentos com os quais os educadores têm de trabalhar. Não é que antes tais determinantes não existissem, o que ocorre é que não tínhamos consciência deles, de sua força, do peso dessas delimitações no espaço social no qual o “que fazer” da educação se dá. Significa, pois, saber claramente o que podemos e o que não podemos. Penso que a busca dessa consciência será o primeiro passo de vocês na busca de sua formação.

Para mostrar, por contraste, o sentido para a educação do antigo modelo sobre o qual trabalhamos por décadas, e que ainda é válido quando temos em vista a sala de aula, apresento uma ilustração da abordagem das diferenças individuais. Hoje, a teoria das desigualdades sociais é predominante, privilegiando mais abordagens sociológicas do que psicológicas. Nessas abordagens entram estas variáveis condicionantes ou determinantes da educação, mas nós trabalhamos também, com os micro aspectos da educação, o comportamento do indivíduo, de como estes contextos sócio-político-econômicos repercutem na vida de cada um. Assim, quero dar um exemplo do modelo chamado “Diferenças Individuais”, para fazer este contraste entre o que é macro e o que é micro. Esta historinha que vou ler está no livro “Ensinando para o desenvolvimento pessoal”, que foi publicado o ano passado(6).

Esta história foi publicada pela primeira vez na Revista do Ensino(7); é uma revista que existiu no Rio Grande do Sul, muito importante, que nutriu o pensamento de muitas gerações de professores, endereçando-se particularmente para soluções de problemas de aula.

O título da história é “Nós vamos ao circo” e diz o seguinte:

“Dona Margarida conseguiu entradas para a matinê no Circo, para toda a sua classe de trinta alunos (Vejam que 30 alunos, como tamanho de turma, é

(6) MARQUES, J. C. *Ensinando para o desenvolvimento pessoal; psicologia das relações interpessoais*. Petrópolis, Vozes, 1983. p. 45.

(7) —. Pré-adolescência — algumas aprendizagens fundamentais: relações interpessoais; diferenças individuais. 2º de uma série. *Revista do Ensino*, Porto Alegre, 9(70): 9-12, ago. 1960.

algo persistente...). Quando na aula de quinta-feira ela contou a seus alunos a grande novidade de que iriam à matiné de sábado, no Circo, a reação por parte dos alunos não foi idêntica e nem eles se mostraram tão felizes como ela havia esperado.

Paulo ficou pensativo: — Será que vou poder ver de novo aquele elefante e aquele urso e aquele palhaço que vi ontem na rua e gostei tanto? E o homem da flauta? Claro que vai ser divertido.

Teresa ficou um pouco preocupada: — Tomara que a gente vá de uniforme, meu vestido de passeio não está tão bonito; se não for de uniforme, eu não vou”. (Observem que o uniforme tinha o papel de encobrir a pobreza, e hoje se quer abolir o uniforme em benefício dos pobres?!).

Mário não gostou da idéia, pois já havia planejado jogar futebol com seus amigos da vizinhança sábado de tarde. — Mas, se a mamãe souber disto, ela vai querer que eu vá com a professora.

Que bom! — Gritou Suzana do fundo da sala, toda excitada e pensou com seus botões: — Vou usar aquela blusa nova com aquela saia xadrez, e vou ser um sucesso.

Francisco perguntou: — Como é um circo?

Dona Margarida dispendeu quase uma hora preparando o grupo de alunos para ir ao circo no sábado. Resolveram se iriam de uniforme ou não, onde se encontrariam, em que lugares sentariam e qual a composição que fariam na segunda-feira a respeito das observações que lá fizessem.

Quase no fim da conversa, quando Dona Margarida pensou que já havia tratado de todos os aspectos fundamentais da ida ao circo, alguém levantou o dedo, no meio do grupo, insistentemente, aguardando sua vez de falar. Dona Margarida disse: — Sim, Tônia, tens algum problema? Tenho sim, e um grande problema, respondeu Tônia. Tenho obrigação de cuidar aos sábados de tarde, de meu irmãozinho de cinco anos, e se ele não for com a gente, eu não posso ir, e eu não tenho dinheiro para pagar a entrada dele...

O que vai acontecer agora? Como o grupo resolverá o problema de Tônia e seu irmãozinho? Como vai reagir a professora? Como vão se comportar os demais?”

É uma história de fim aberto com o intuito de levar estudantes de psicologia educacional, ou de relações humanas, ou de educação, a entenderem o que é diferenças individuais. Tem vários personagens e cada um deles se comporta de uma maneira por razões diferentes. Mas vejam que a pobreza está aqui, não só no fato da preocupação de como é que vou ao circo, problema com a roupa, não têm dinheiro para comprar roupa, está também no episódio do irmão da Tônia, que ela tem que cuidar. Então se ela tem que cuidar é porque a família vive com recursos mais ou menos reduzidos, e além do mais não tem dinheiro para pagar a entrada do circo para um irmão de 5 anos.

A pobreza é tratada em duas formas distintas, na crônica de Fernando Sabino e na história do circo. Um é o tratamento de macro sistema que vai caracterizar a teoria das desigualdades sociais e outro de micro sistema que caracteriza o enfoque das diferenças individuais. Todavia, quando as diferenças individuais ocorrem é porque as pessoas já incorporaram em si mesmas as chamadas desigualdades sociais. E o professor, o educador, seja a nível formal, informal, ou não-formal, tem que saber lidar com estas teorias, operacionalizando-as em seu “que-fazer-didático” para benefício de seus alunos.

Agora é cabível perguntar quem é o estudante de educação e qual o seu papel social.

O estudante de educação é em geral vocacionado para servir. Para ajudar o aluno em seus desenvolvimentos, em sua realização pessoal. Está voltado para a dinâmica do ensinar/aprender, tanto ao nível das modificações de comportamento que ocorrem ao longo de uma existência, quanto ao nível das descobertas (des — cobrir, para alguns aprender é descobrir, tirar aquilo que está coberto). Descobrir nos campos do conhecimento, bem como na realidade social. Importa não só o campo do conhecimento constituído, pronto, a ciência, mas o campo da realidade social, em geral a ser desbravada. Por isso se diz que educação é teoria, e é práxis. Para alguns até é mais práxis que teoria, para outros é mais teoria do que práxis.

É uma longa discussão com a qual vocês vão conviver nos anos de sua formação. Quais as ligações entre teoria e prática? Alguns até advogam que a teoria deve sair da prática, e que cada um deve elaborar a sua teoria a partir da sua prática. Há outros que, ao contrário, defendem que sem teoria a prática se torna obtusa, cega, sem sentido. Quer dizer, há posições diversas e polêmicas sobre o assunto, mas sem dúvida constitui-se em tópico crítico, da área da educação. O estudante de educação é sensível ao contexto, as variáveis sócio-político-econômico-culturais, que entretencem a realidade, e determinam o comportamento dos sujeitos que a ela pertencem. O estudante de educação tem consciência social e uma atitude crítica, face a essa realidade, buscando sempre um modo de inserção, o seu modo, que contribua para um mundo melhor, onde haja afeto, ternura e bondade.

Vi recentemente ou revi, o filme do Charles Chaplin, “Luzes na Ribalta”. O filme em si é excelente, a imagem é boa, mas o som é péssimo, a técnica de filmagem deixa a desejar. Tinha visto na véspera um dos filmes da série 2.001, em vídeo-cassete. O tratamento do tema de Luzes da Ribalta soa como ingênuo se o vemos — com os olhos do presente. Não tem cena de sexo explícito, é tudo muito platônico. fica-se sem saber se o velho cômico, representado por Chaplin teve ou não, relações sexuais com a bailarina. É tudo muito escondido, sutil; mas há ternura, afeto, dedicação, e um compromisso humano, ímpares. Começa com a cena dela morrendo, por tentar suicídio, não se fica sabendo qual foi o drama que a levou ao suicídio; ressalta a dedicação dele não querendo nada nunca, tanto é que não chegam a casar. E ela renunciando a tudo na vida pelo devotamento a ele. Era o modo de pensar os valores da década de 40, aonde a idealização da bondade, da ajuda, se constitui em algo sublime, que nega tudo que é ruim, mau e conflituoso; tudo que incomoda é negado. São ressaltados os aspectos bonitos, bons, róseos. Hoje não é esta a visão de mundo. Qualquer filme produzido em fins da década de 70 ou inícios de 80 mostra violência, tem cenas de sexo explícito, tecnologia de produção e fotografia com qualidades de precisão e fidelidade. Tem nitidez de propostas e modos peculiares de interpretação. Mas ainda assim tem, como no filme de Chaplin: ternura, afeto, bondade. Sem isso parece que nenhum ser humano vive, embora a ênfase seja na violência. Este é o modo de conceber o

mundo que a nossa era contemporânea nos propõe. O quanto aceitamos isso, ou o quanto somos críticos em relação a tal postura, nos leva a mergulhar no mundo que está aí ou a buscar nostalgicamente recuperar um mundo perdido nas décadas anteriores. Mas, tem uma mensagem que é profunda: é a mensagem de compreender este mundo, lidar com ele como ele é, e não como eu gostaria que ele fosse, com bondade, ternura e afeto. Então vê-se nos filmes mais violentos, mais de vanguarda, até mesmo nos robôs, uma tentativa de ternura. Acho que é por aí que a humanidade vai se reencontrar. A busca de reencontro da humanidade com o humano é constante. Por isso, o estudante de educação engaja-se em campanhas capazes de influenciar os rumos da sociedade, compreende que todo o ato educativo é também ação política, pois articula interesses e pressões, e se posiciona.

O aluno de educação tem consciência clara de que estes significados só se constroem nas múltiplas relações sociais, que o ser humano se realiza e se forma e se reforma, e se reformula na interação, na convivência, no viver-com, no ser com os outros. Assim, o estudante de educação é alguém ativo e participante, que se beneficia não tanto das aulas teóricas, mas das múltiplas experiências que vive em seus anos de formação no diretório acadêmico, nas atividades de extensão, nos estágios, nos cursos e atividades paralelas, nas monitorias, nas bolsas de iniciação à pesquisa, nas análises críticas que para si se faz das leituras de jornais e revistas, dos programas de televisão, da familiaridade com o mundo da tecnologia, com o computador, video-cassetes, etc.

Espera-se, pois, uma atitude de busca: na biblioteca, na pesquisa, na extensão, na participação; que os estudantes criem projetos que os levem a se sentirem vivos, existentes, capazes de influenciar nos rumos do que fazemos em educação.

A Faculdade de Educação tem obtido classificações de destaque em programas de avaliação entre suas congêneres no País; tal se efetiva não só pelos professores, mas também pela qualidade de seus alunos. Uma faculdade não é apenas os seus professores. Constitui-se de seus professores, seus alunos e seus funcionários, e isto felizmente tem se conjugado aqui, para formar esta Faculdade que corajosamente procura desbravar os seus caminhos.

Posto isto, gostaria de entrar um pouco nos propósitos e metas da Faculdade de Educação.

Aqui vocês têm uma visão do que é a Faculdade de Educação(8). Não só na parte do curso de pedagogia que vocês vão frequentar, mas em relação a toda gama de cursos que ela oferece. Temos alunos de todas as faixas etárias, temos o Colégio de Aplicação, com alunos desde 6 anos de idade e temos no Pós-Graduação, alunos de até 50 anos. Conviver neste prédio com todas as faixas etárias, nem sempre vai representar uma situação de conforto para todos. É uma tendência cultural pensar que é confortável conviver com a sua própria faixa

(8) MARQUES, Juracy C. Proposta básica para gestão 81-84. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, 6(1): 109-20, jan./abr. 1981.

etária. Esta Faculdade para alguns seria um paraíso, se só tivesse crianças de 7, 8 e 9 anos. Para outros, se só tivessem adolescentes, para outros, jovens de 17, 18 e 19 anos, para outros se só admitisse na faixa de 20 ou 30 anos e assim por diante, e até há aqueles para os quais o bom seria um centro de pesquisa, formado apenas de pesquisadores “seniors”.

A tolerância de uns em relação a outros, em si já é educativa, porque um educador que é incapaz de conviver com diferentes faixas etárias, está muito mal preparado para atender desigualdades sociais, diferenças individuais e outras situações provocadoras de conflito. Vocês vão perceber que administrativamente, a Faculdade de Educação tem múltiplas chefias. Tem um diretor do Colégio de Aplicação, tem um coordenador de Pós-Graduação. Os três chefes de departamento: a) do Departamento de Estudos Básicos, que compreende disciplinas de fundamentação: Sociologia da Educação, Psicologia da Educação, História da Educação, Filosofia da Educação, Economia da Educação; b) Departamento de Ensino e Currículo, que trata dos processos de aprendizagem, processos de ensino, a parte de didática, didática especial, didática geral, metodologias de ensino. Atende também todas as licenciaturas da universidade, na parte de formação pedagógica; c) Departamento de Estudos Especializados, que é em geral, o departamento com o qual vocês terminam os cursos, atende disciplinas das chamadas habilitações específicas: Supervisão, Administração, Orientação Educacional e Inspeção. Tem, ainda, como chefia, a coordenadora da Comissão de carreira, que é quem vai orientar o currículo, o plano de estudos do aluno, determinando horários, créditos, disciplinas obrigatórias e eletivas. É parte da coordenação central da Universidade, mas formada predominantemente por professores dos Departamentos da Faculdade de Educação. Tem também, a coordenação da Extensão, que representa a Faculdade de Educação na IIIª COMEXT.

A presidência do Diretório Acadêmico é outra chefia importante, ao nível de propostas e coordenação da atividade estudantil. É decisiva a experiência de diretório acadêmico. É muito difícil alguém abraçar a área da educação, não tendo passado por experiência de participação na política estudantil.

Uma das nossas metas é a integração na universidade e a coesão de todos os órgãos e setores da Faculdade de Educação.

Como referi, essa é uma unidade de chefias de setores, chefias de departamentos, programas, colégio, diretório acadêmico, quer dizer tem uma série de órgãos e todos eles propugnam por sua autonomia, independência, capacidade de criar seus projetos e responsabilizar-se por seus modos de ação.

Portanto, há toda uma idéia de autonomia embutida em todos estes órgãos. Então, integrar, articular, tornar coerente a ação desses vários órgãos, por liderança, na maior das várias vezes informal, tem sido uma meta da administração. Esta articulação é necessária sob pena de esfacelar e não existir Faculdade de Educação como “unidade” ou instituição.

A valorização do profissional da educação é uma luta incessante, mais aguda em 81 do que hoje, pois os movimentos dos professores têm feito muito para levantar o nível de consciência do magistério que se tem engajado em justas reivindicações. E nisto certamente vocês estarão comprometidos nos próximos anos. Depois a integração com os sistemas de ensino e a integração com a comunidade universitária são também metas da Faculdade de Educação.

Na linha de produção e disseminação dos resultados de pesquisa, de modo a estimular o debate científico e a proporcionar visibilidade à instituição como um centro de construção e reconstrução do saber, se conseguiu bastante. Temos nossa revista que é muito reconhecida, e que se chama Educação e Realidade. Acredito que vocês vão aprender a usá-la, serão bem vindos seus artigos e trabalhos para a Revista. Ela tem uma parte que é de pesquisa rigorosa, avaliada por consultores, tem outra parte de artigos doutrinários, e outra parte que é de comunicações. É possível que de início vocês não tenham condições de contribuir na revista com pesquisas, mas vocês podem colaborar com estudos e comunicações, no mínimo.

Agora, já vai longe a minha fala. Mas eu tenho que mencionar a administração solidária. Considerando todo esse universo de situações, de problemas, de complexidades, e considerando o modo de ver o mundo que vai se formando e se reformulando no pensamento dos educadores e no meu próprio, surgiu como uma teoria, uma práxis ou algo a ser perseguido o que vim a denominar de Administração Solidária.

Que quer dizer isso? Quer dizer que estas várias chefias, estes vários setores, estes vários pólos de atuação da programação da Faculdade de Educação, devem manter uma atitude de lealdade, sem subordinação, sem submissão, sem dominação, sem prescrições, mas uma atitude de lealdade até eu diria de afeto, em relação ao outro administrador, tanto da minha parte como da parte de todos os incumbentes desses cargos, no sentido de articular o objetivo mais alto que é a extensão, a expansão, a construção e a reconstrução da área da educação.

Nesse sentido então se pode tomar decisões as mais diversas, mas se tem que comunicar, e esta comunicação se dá formalmente através dos órgãos, colegiados e comissões, que são muitos, mas ela se concretiza, principalmente, ao nível informal, por bilhetes, telefonemas, encontros no corredor ou em situações sociais, onde for; é preciso se comunicar, e esta comunicação tem se construído, não tanto quanto se desejaria, mas tem se construído, para benefício de quantos dela participam.

A Administração Solidária se apóia também, no debate, na discussão, na contestação, na polêmica, o pensar e o sentir à lume, desvelados, às claras. Assim, não se toma nenhuma decisão maior que afete a vida da instituição e de seus membros, sem que se discuta amplamente aquilo que está sendo porposto. Venha a proposta de onde vier, quer seja da Reitoria, do Ministério, do Aluno, do Funcionário. Então, se discute e se contesta, se fazem reflexões e se chega a um certo consenso, porque às vezes se chega a decisão por exaustão, não há consenso, ninguém tem mais nada a acrescentar. Essa é outra avenida importante que

mostra um ingrediente básico da chamada democratização do ensino.

Democratização do ensino pode tornar-se algo muito abstrato. para nós é palavra, é não omissão, é não silêncio, é não ficar frustrado sem expressar o que sente, é dizer, é contribuir com sua palavra. O importante é não cultivar o silêncio. Como todos vocês sabem, o silêncio é típico dos governos autoritários, das ditaduras, daqueles que não querem conflito, não querem briga, querem que tudo fique em ordem. Costuma-se dizer que há extrema ordem na extrema desordem. Tudo parece certinho, só que encobre o errado. O certo e o errado tem que ser trazidos, discutidos. Nem sempre numa Assembléia, pois as discussões de assembléia muitas vezes são emocionais, mas nos colegiados nos pequenos grupos, nas reuniões de alunos, de professores, de funcionários.

Nesta proposta de Administração solidária surgem, emergem novas propostas e objetivos. Acolhem-se sugestões que são retrabalhadas pelos grupos e assumidas pela direção. Quer dizer a iniciativa, o espaço se torna muito mais amplo para todos. Eu muitas vezes tenho que me adaptar aos desejos da maioria. Aceitar que sou um entre muitos. Foi assim que surgiu na Faculdade de Educação, mais precisamente no ano passado, um movimento de funcionários, que terminou se consolidando num colegiado de funcionários. Este colegiado de funcionários, hoje, funciona em caráter experimental, com delegação de algumas decisões como escalas de férias, com ótimos resultados. Não está nos regulamentos. É uma experiência que ensina o exercício da autonomia, da capacidade de ocupar o seu próprio espaço, de assumir a sua própria realidade, a sua própria existência profissional num determinado âmbito. E isto é sem dúvida salutar, higiênico.

A propósito dessas idéias de Administração Solidária, quero terminar com um dos autores mais contestadores na área da educação, no País, o Prof. Maurício Tragtemberg. Publicou este livro que é da série "Sobre Educação"(9). Esse pensamento, com o qual eu vou concluir, é tirado de um primeiro artigo que aparece aí e que se chama "Delinquência Acadêmica" Ele diz ao final e corresponde muito ao que eu penso:

"a autogestão pedagógica teria o mérito de devolver à universidade um sentido de existência, qual seja: a definição de um aprendizado fundado numa motivação participativa e não no decorar determinados clichês, repetidos semestralmente nas provas que nada provam, nos exames que nada examinam, mesmo porque o aluno sai da universidade com a sensação de estar mais velho, com um dado a mais: o diploma acreditativo que em si perde valor na medida que perde sua raridade. A participação discente não se constitui num remédio mágico aos males universitários, porém a experiência demonstrou que a simples presença discente em colegiados é fator de sua moralização .

(9) TRAGTEMBERG, Maurício. A delinquência acadêmica. In: ..., *Sobre Educação, Política e Sindicalismo*: v.1 — Educação. São Paulo, Autores Associados, Cortez, 1982, p. 16.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. MARQUES, J. C. *Ensinando para o desenvolvimento pessoal; psicologia das relações interpessoais*. Petrópolis, Vozes, 1983.
2. —. *Ensinar não é transmitir*. Porto Alegre, Globo, 1969.
3. —. Proposta básica para gestão 81-84. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, 6(1): 109-20, jan./abr. 1981.
4. —. Pré-adolescência — algumas aprendizagens fundamentais: relações interpessoais; diferenças individuais. *Revista do Ensino*, Porto Alegre, 9(70): 9-12, ago. 1960.
5. SABINO, Fernando. *Lugares comuns*. Rio de Janeiro, MEC, Serviço de Documentação, Departamento de Imprensa Nacional, 1952.
6. TRAGTEMBERG, Maurício. A delinqüência acadêmica. In:... *Sobre Educação, Política e Sindicalismo*; vol. 1 — Educação. São Paulo, Autores Associados, Cortez, 1982. p. 11-6.